

UNIVERSIDADE SANTO AMARO

Curso de Psicologia

Bianca Naara Gomes

**A RELEVÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E COMO ESTA AFETA A
VIDA DO INDIVÍDUO**

São Paulo

2021

Bianca Naara Gomes

**A RELEVÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E COMO ESTA AFETA A
VIDA DO INDIVÍDUO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Profa. Diana M. Junqueira Tavares Correa.

São Paulo

2021

Bianca Naara Gomes

**A RELEVÂNCIA DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ E COMO ESTA AFETA A
VIDA DO INDIVÍDUO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Santo Amaro – Unisa, como requisito parcial para obtenção do título:
Bacharel em Psicologia. Orientadora: Profa. Diana M Junqueira Tavares Correa.

São Paulo, 07 de junho de 2021

Banca Examinadora

Profa. Especialista Diana M. J. Tavares Corrêa

Profa. Dra. Rita de Cássia do Amaral

Profa. Mestra Roseli Aparecida Monaco

Conceito Final: _____

G612r Gomes, Bianca Naara

A relevância da relação mãe-bebê e como esta afeta a vida do indivíduo / Bianca Naara Gomes. – São Paulo, 2021.

41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia)
- Universidade Santo Amaro, 2021.

Orientador(a): Profa. Esp. Diana M. Junqueira Tavares Correa.

1. Relação mãe-bebê. 2. Vínculo afetivo. 3. Negligência emocional. 4. Desenvolvimento infantil. 5. Psicanálise. I. Correa, Diana M. Junqueira Tavares, orient. II. Universidade Santo Amaro. III. Título.

Elaborada por Maria Lucélia S. Miranda - CRB 8 / 7717

AGRADECIMENTOS

À minha madrinha Andréa pela inspiração e apoio.

Aos meus amigos Dayane, Juliana, Reinaldo e Tawane, pelo afeto, apoio e troca durante essa jornada juntos.

Aos mestres pela dedicação, sensibilidade e contribuição para a construção da minha vida profissional na psicologia.

“A infância é um chão que a gente pisa a vida inteira.”

Ariane Osshiro

RESUMO

Através da abordagem psicanalítica, a presente pesquisa pretende discorrer sobre a relação mãe-bebê, sua importância para o desenvolvimento psíquico, físico e emocional do indivíduo, como ela afeta a personalidade deste, além de interferir nas demais relações no decorrer da vida. Para isto foram utilizados livros e artigos buscados em plataformas acadêmicas digitais, baseando-se principalmente nas teorias dos autores: S. Freud, M. Klein, D. Winnicott, J. Bowlby e, principalmente para a construção da análise do tema proposto, com o intuito de esclarecer as consequências positivas e negativas no que se refere ao vínculo afetivo estudado, negligência nesta relação, ou ainda o abandono. Faz-se necessário relatar a respeito do estabelecimento desta primeira relação, a importância do afeto neste processo, a devoção e investimento de energia libidinal da mãe para com seu bebê, para que assim se estabeleça uma relação de afeto e identificação mútua e conseqüentemente, o bebê se integre ao meio e se desenvolva plenamente.

Palavras-chave: relação mãe-bebê, vínculo afetivo, negligência emocional, desenvolvimento infantil, psicanálise.

ABSTRACT

Through the psychoanalytical approach, the present research discourses about the mother-and-son relationship, its importance in the psychic, physical and emotional development of the individual, how it affects his personality, besides its interference on his other relationships throughout life. To do so, research was made through books and articles from academic online platform sources, considering the theory of the main authors: Winnicott, Klein, Bowlby and Freud for the development of this thesis, with the goal of bringing enlightenment of the positive and negative consequences of the bond between mother and son, as well as the negligence or even abandon of this relationship. It is necessary to talk about the development of this first relationship: the importance of affection, devotion and investment of the mother's libidinal energy with her son. Establishing through this a relationship of affection and mutual identification, so that the baby can become part of his surroundings and fully develop himself.

Keywords: mother-and-son relationship, bond, emotional negligence, child's development, psychoanalysis.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. OBJETIVOS.....	11
2.1. Objetivo Geral	11
2.2. Objetivos Específicos	11
3. METODOLOGIA.....	12
4. CONTEXTO TEÓRICO	13
4.1. A relação mãe-bebê	13
4.2. Desenvolvimento Infantil	16
4.3. O afeto, a negligência e o abandono.....	21
4.4. As mães prejudiciais.....	23
4.5. Experimentos	26
4.5.1. Os órfãos da Romênia	26
4.5.2. A privação de contato de recém-nascidos	26
4.5.3. Harlow com os macacos Rhesus	27
5. ANÁLISE DOS DADOS	29
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37

REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Muito se escuta falar sobre a importância que a mãe tem na vida do filho, porém pouco se discute os reais motivos desta afirmação bem como os impactos desta relação. Compactuando com essa ideia, a presente pesquisa vai mais a fundo, baseando-se em teorias da psicologia, mais precisamente na abordagem psicanalítica, tendo como proposta ressaltar essa importância e explicar o porquê impacta no desenvolvimento e personalidade do indivíduo e de quais formas.

Para isto, propõe discorrer a partir de uma revisão bibliográfica, sobre o estabelecimento do vínculo afetivo entre a mãe e bebê e quais são as interferências positivas e negativas deste momento crucial para o desenvolvimento da primeira relação afetiva da vida do indivíduo que conseqüentemente afetarão as demais por servir como modelo. Ainda sobre o desenvolvimento infantil, que inclui além do físico, o cognitivo, o sensorial, o motor e o emocional e como estes dependem de estímulos do meio para que sejam plenamente desenvolvidos. Deu-se enfoque às relações de afeto, negligência e abandono e como cada um desses tipos de vínculo e também os diferentes tipos de mães, afeta de diferentes formas o desenvolvimento de uma pessoa, sua personalidade e conseqüentemente as relações posteriores. Se fez necessário exemplificar perfis de mães possivelmente prejudiciais para apresentar os dois lados, das conseqüências positivas e negativas que o indivíduo possa sofrer diante desta primeira relação, para que assim os impactos fiquem claros. E para melhor ilustrar esses impactos causados pelo afeto, negligência e abandono, são trazidos experimentos realizados ao longo da humanidade com intuito de comprovar tais conseqüências derivadas destas relações primárias.

Em suma, o presente trabalho visa contribuir para o olhar mais humanizado e dedicado a este primeiro contato do indivíduo com o mundo, representado por sua mãe e apresentar as possíveis interferências e conseqüências a partir desta relação, não com intuito de culpabilizar a mãe ou ensiná-la a como praticar a maternidade, mas sim de esclarecer que este primeiro contato com o mundo externo irá interferir em toda vida de seu filho, pois mesmo enquanto bebê é afetado por este meio e esta primeira relação, pois é a partir destes que criam os modelos de contato consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

O objetivo do presente trabalho é, sob a luz da psicanálise, demonstrar a relevância da primeira relação de um indivíduo, sendo esta, a materna ou substituta dela, como seu desenvolvimento e personalidade são afetados e ainda, como ela interfere nas demais relações no decorrer da vida.

2.2. Objetivos Específicos

- Discorrer sobre o quão poderosa e necessária é a relação mãe-bebê e como esta afeta diretamente o indivíduo positiva ou negativamente.
- Esclarecer as fases de dependência do bebê em relação à mãe a fim de que esta contribua para o desenvolvimento.
- Relatar as fases de desenvolvimento infantil para melhor contextualização.
- Demonstrar os impactos do vínculo afetivo ou a falta dele.
- Exemplificar os tipos de mães que podem ser prejudiciais.
- Para melhor ilustrar os impactos sofridos pela criança, serão apresentados experimentos já realizados ao longo do tempo, na humanidade, que tiveram como objetivo demonstrar a importância do vínculo materno.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho tem como método de pesquisa a revisão bibliográfica, que visa mostrar contribuições científicas feitas por autores que desenvolveram teorias relacionadas ao tema. Assim, é possível reunir e sintetizar resultados acerca do assunto proposto. De forma geral, foram realizadas pesquisas dentro da psicanálise infantil, como: relação mãe-bebê, maternidade, primeira infância, contexto familiar, afetividade, negligência emocional, abandono na infância, dentre outros. As principais fontes de pesquisa utilizadas foram: livros e textos de autores como: Sigmund Freud, Melanie Klein, Donald Woods Winnicott e John Bowlby, bem como textos e artigos em plataformas como Scielo e Pepsico.

4. CONTEXTO TEÓRICO

4.1. A relação mãe-bebê

Para Winnicott (1999), a relação mãe-bebê no primeiro semestre de vida do indivíduo baseia-se principalmente em total dependência e identificação do bebê para com a sua mãe, bebê este que acredita que ele e sua genitora, que representa todo o seu ambiente, sejam a mesma pessoa, o que faz parte de um processo natural. A construção deste primeiro vínculo afetivo é de extrema importância para a formação dos processos de configuração para o estabelecimento de vínculos posteriores. A mãe tem como referência o vínculo afetivo primitivo com sua mãe ou objeto que a representava, logo existe um modelo parental que afeta as gerações seguintes (GUTIERREZ; CASTRO; PONTES, 2011).

No período de devoção comum devido à grande identificação entre os dois, mãe e filho se encontram em uma relação simbiótica saudável e esperada, este período se estende da gravidez até semanas após o nascimento da criança, o que Winnicott denominou como preocupação materna primária, onde há intensa sensibilidade da mãe (ABRAM, 2000). Freud (1976) explica que: "Essa condição de extrema e prolongada dependência é determinante na formação da personalidade do ser humano" (p. 163). Bowlby (1988), fala da mãe como sendo a personalidade e consciência de seu filho nos primeiros anos de vida.

Neste primeiro contato, a mãe tem o papel de facilitadora, criando condições necessárias para que a criança desenvolva processos psicológicos, assim, o bebê passa gradativamente a se perceber e desenvolver sentimentos semelhantes aos dela, além de contribuir para os processos de maturação, que correspondem ao desenvolvimento do ego (NASIO, 1995), ou seja, a identificação entre a mãe e seu filho, facilita o desenvolvimento e fortalecimento do ego do bebê, que estará em harmonia com o ego da mãe, uma vez que esta tenha sido suficientemente boa (WINNICOTT, 1958).

Nasio (1995) explica que de acordo com a teoria Winnicottiana, esta primeira fase caracteriza-se como dependência absoluta, onde a mãe suficientemente boa supre não somente as necessidades fisiológicas do bebê, mas também atende as

funções de apresentação de objeto mediante as necessidades da criança, como por exemplo o seio no momento de fome e o colo no momento de angústia. A função de *holding* é a de segurar o bebê, protegendo suas sensibilidades, sustentando-o não só física, mas psiquicamente e uma vez seguro ele pode desenvolver a capacidade de contato com o mundo exterior. Winnicott (1999) afirma que após diversas repetições, a criança passa a acreditar que é real e um ser individual da mãe, passando assim a enfrentar o mundo e desenvolver os processos de maturação herdados. Há também a função do *handling*, que seria o toque, o contato com a criança no dia a dia, através da amamentação e do banho por exemplo, causando-lhe bem-estar e acolhimento para que ela se sinta pertencente a um corpo e posteriormente possa unir corpo e psique, ou seja, sua personalização.

Corroborando com isto, Rappaport et al. (1986) explicam:

As carícias da mãe não só proporcionam intensa sensação de prazer, como vão progressivamente dando à criança a configuração de seu próprio corpo; portanto, vão auxiliando a configuração do esquema corporal. O eu da criança começa a configurar limites, ou seja, a ter existência própria pelo contorno que lhe é dado pelo corpo materno (p.38).

Após este período, até aproximadamente os dois anos de vida da criança, ela se encontra na fase de dependência relativa, que é caracterizada principalmente pela consciência da realidade externa, percebendo-se como um ser para além de sua mãe e seu meio antes representado por ela. Nesta fase, o indivíduo passa por outros consideráveis processos de desenvolvimento psíquico e também de adaptação, enquanto a mãe por sua vez, retorna à sua vida, percebendo-se enquanto sujeito, para além da maternidade, distanciando-se da identificação com o filho, demasiada a princípio (NASIO, 1995).

Em suma, a mãe suficientemente boa representa bem o papel de ambiente facilitador, adaptando-se às necessidades do filho, sendo de extrema importância para a saúde psíquica do bebê, enquanto a mãe e/ou ambiente insuficientemente bom, seria representado pela mãe que não é capaz de identificar e atender as necessidades do bebê, substituindo as necessidades do filho pelas suas. Em casos mais extremos, existem as mães instáveis que passam facilmente de perfeita a negligente por exemplo, atormentando o bebê, fazendo com que ele não mais confie nela. A mãe

insuficientemente boa pode também ser representada por diversas partes, ou seja, diversas pessoas que desempenham o papel dela, retratando assim uma situação e não necessariamente alguém (NASIO, 1995).

A terceira e última fase de dependência, seria rumo à independência, estendendo-se até a puberdade, quando o indivíduo se encontra capaz de estar à frente do mundo. Além da identificação com a mãe, a criança passa agora a se identificar também com a sociedade em que está inserida, sendo assim capaz de ter uma existência satisfatória, o que não significa que em algum momento, não possa retroceder, uma vez que não se trata de absoluta independência. É esperado que o indivíduo já adulto siga no processo de amadurecimento (WINNICOTT, 1983).

Klein (1982), ressalta a importância das relações de objeto para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, objeto aqui, que pode representar algo ou alguém para quem possui sentimentos. A primeira e intensa relação, a mãe-bebê é o modelo que afetará as futuras relações com terceiros e consigo mesmo, isso porque é o primeiro ano de vida o mais influente na construção da personalidade do indivíduo, fase em que possui grande plasticidade que diminui no decorrer da vida, causando poucas mudanças após este período. A energia libidinal investida através da mãe é essencial para o desenvolvimento da criança, logo, a falta dela afeta o processo de maturação.

O seio da mãe é a primeira representação de mundo externo para o indivíduo, a partir daí desenvolvem-se os processos mentais, sendo assim, o seio bom é o disponível que satisfaz as necessidades do bebê, cabendo a ele contribuir para a superação da ansiedade paranóide e permitindo que o bebê sinta-se grato, enquanto o seio mau que não o atende, que demora, causa inveja na criança que deseja o seio bom, deseja o alimento materializado sempre que o fantasia, o que pode ocorrer quando a mãe divide o tempo da amamentação com outras pessoas ou coisas e não se dedica afetivamente ao bebê, causando frustração e desejo de destruição por não poder ter o seio, portanto, tratando-se de projeções suas (KLEIN, 1975).

Se exposto a constantes frustrações, o bebê pode desenvolver sentimentos negativos por se sentir em perigo e os projetar no seio (mau) da mãe, vendo-o como

algo ruim e destrutivo, a mãe por sua vez, costuma reagir com ansiedade e insegurança, reforçando as fantasias da criança. Diferentemente da reação da mãe cujo seio bom acalenta as angústias de seu bebê, tranquilizando-o através de carinho, alimento, contato e atenção fortalecendo o vínculo e a confiança desta relação (SOIFER, 1992). Klein (1982), enfatiza que o indivíduo faz uma relação em ser alimentado e amado, ou seja, a amamentação e saciação da fome representam afeto a criança, portanto, a experiência de ser nutrido e as demais que a acompanham é internalizada na estrutura do psiquismo do indivíduo, afetando assim suas relações posteriores, o ideal é que a gratificação sobreponha-se às frustrações, desta forma, a pulsão de vida se sobrepõe à pulsão de morte.

Freud (1969), explica que no aparelho mental primitivo domina o princípio do prazer e o princípio da realidade, sendo estes, processos primários e secundários respectivamente. No primeiro sobressai-se a necessidade de satisfação por muitas vezes, fantasiosas, necessitando assim aproximar-se do segundo processo para atendê-la no mundo real. Assim como Winnicott e Klein, Freud afirma que a mãe presente e disponível nos momentos de necessidade, principalmente saciando sua fome não só fisiológica, mas também emocional é de extrema importância para o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

A mãe, por sua vez, assimila e aceita o bebê ainda durante a gravidez, tendo como referência o bebê que foi e a pessoa que a cuidou e esta referência pode ser positiva ou negativa para o vínculo com seu bebê (WINNICOTT, 1999).

Rappaport *et al.* (1986) afirma que a figura central do desenvolvimento da criança é a mãe, sendo o pai percebido por este filho somente mais tarde. O papel do companheiro neste primeiro momento é amparar a mulher para que ela esteja melhor preparada a se dedicar e atender as necessidades da criança, contribuindo para seu desenvolvimento psíquico e físico (WINNICOTT, 1999).

4.2. Desenvolvimento Infantil

Rappaport *et al.* (1986) afirmam que o início do desenvolvimento de um indivíduo é considerado desde a sua gestação, antes mesmo de seu nascimento.

Durante este período, algumas variáveis podem afetar o desenvolvimento do feto, tais como a idade da mãe, consumo de drogas, radiações, doenças infecciosas, incompatibilidade entre os tipos sanguíneos da mãe e bebê, além da dieta realizada pela gestante durante o período de gravidez que podem causar deformidades físicas e mentais. Além dos fatores fisiológicos, os psicológicos também afetam o desenvolvimento do indivíduo, logo, o acompanhamento e a assistência humanizada tanto familiar quanto profissional durante este período faz-se de extrema importância. O emocional da mãe pode, muitas vezes, ser bastante abalado durante e/ou após a experiência do parto, que é geralmente realizado em ambiente hospitalar, induzido por drogas que causam sonolência. Podem ainda ocorrer alguns tipos de violências obstétricas. Existem alguns métodos alternativos, onde se evitam os medicamentos promovendo maior envolvimento dos pais com a chegada do filho, assim como a presença de uma doula/parteira que proporciona maior acolhimento e humanização, além de benefícios físicos (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Com o nascimento de um filho, nasce simbolicamente uma mãe. As primeiras horas de vida do indivíduo são caracterizadas como período de reconhecimento e deve conter afetividade e ligação materna, todavia, muitas vezes, infelizmente, este momento é vivido de forma mecânica e conturbada em contexto hospitalar, podendo gerar frustração além de culpa na mãe pois interfere no primeiro contato com seu bebê e na primeira amamentação, que é de extrema importância para o estabelecimento da ligação afetiva entre estes.

O método canguru contribui para o estabelecimento do vínculo afetivo entre mãe e bebê, consistindo no contato pele a pele, o recém-nascido fica somente de fralda e é colocado entre os seios da mãe logo após o nascimento, durante o tempo que julgarem necessário e satisfatório, desta forma, facilitando o processo de transição da vida intrauterina para a extrauterina de forma a tranquilizá-lo, reduzindo o estresse no sistema nervoso central do recém-nascido, além de contribuir para o desenvolvimento neuropsicomotor, estimular a amamentação, fortalecimento do sistema imunológico e confiança dos pais para com os cuidados de seu bebê. O pai também pode se utilizar do método (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Ainda para Papalia e Feldman (2013) que corroboram com Jung (1971), o desenvolvimento cerebral, motor e cognitivo dependem de estímulos externos e o

ambiente em que o indivíduo está inserido pode contribuir positiva ou negativamente para estes. A falta de afeto e de estímulos produzem desordens cerebrais e prejudicam a maturação dos processos do sistema nervoso (RYGAARD, N. P. 2006).

Além do ambiente, a cultura pode também afetar o desenvolvimento de uma pessoa, as práticas de aprendizagem de habilidades variam bastante dependendo de uma para outra cultura, algumas estimulam, outras reprimem e isso afeta diretamente o desenvolvimento infantil de forma geral. Durante o primeiro ano de vida, a criança tem o desenvolvimento físico bastante acelerado, além do sensorial, que começa já na vida intrauterina, estendendo-se à vida neonatal, um exemplo é a sensibilidade dos recém-nascidos à dor, uma vez que já possuem o sentido do tato bem desenvolvido, assim como o do olfato e audição, sendo a visão, o sentido menos desenvolvido ao nascer. Quanto ao desenvolvimento motor que está intimamente ligado ao sensorial devido a percepção, desenvolve-se gradativamente, de acordo com a maturação do bebê, das habilidades mais simples às mais complexas. Existem as habilidades gerais, que envolvem músculos maiores e as finas, envolvendo os músculos menores, além da coordenação das mãos e olhos. Há dois tipos de percepção, a de profundidade, que seria a habilidade de perceber objetos em três dimensões e ocorre por volta dos três meses, quando o bebê é capaz de manter a cabeça parada e observar se o objeto se move ou não. Já na percepção tátil, além da capacidade de observar e perceber, a criança passa também a manusear os objetos, podendo assim adquirir informações como textura e tamanho do objeto (PAPALIA; FELDMAN, 2013)

Os bebês possuem reflexos primitivos do nascimento até completar o primeiro ano aproximadamente, sendo estas, respostas involuntárias relacionadas ao instinto de sobrevivência, alguns deles desaparecem no decorrer do desenvolvimento motor, por não serem mais necessários, uma vez que a criança evoluiu. Alguns exemplos são sucção, firmeza do pescoço e piscar na presença de luzes fortes. Conforme o cérebro cresce e se desenvolve, tornando-se mais ativo, a criança a partir do quarto mês passa a ter reflexos posturais, onde reage a posições e equilíbrio como engatinhar, corrigir o pescoço, apoiar-se e se amortecer apoiando os braços numa queda por exemplo, visando amenizá-la. Seguem-se reflexos locomotores ou de marcha, representados pelo caminhar, grande marco na vida de uma pessoa, quando o indivíduo é capaz de ficar na posição ereta e dar seus primeiros passos.

Como falado anteriormente, o desenvolvimento infantil depende muitas vezes de estímulos externos e com a aprendizagem não é diferente. É necessário que o ambiente promova a aprendizagem, incluindo o brincar, que permita mudanças e explorações através do mundo lúdico da criança. Além dos estímulos é importante responder aos estímulos e interesses da criança, reforçar e não diminuir suas habilidades e evoluções, isso tudo, respeitando seu tempo e espaço (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Denize Pozas (2012) afirma que é no brincar que a criança elabora e constrói significados além do aprendido, pois o lúdico, é o mundo e a realidade dela nesta fase.

Ferracioli (1999) explica que de acordo com a teoria Piagetiana, o desenvolvimento mental se estende por toda a vida do indivíduo, sendo este um processo de integração a estruturas já existentes, passando assim para níveis superiores. Os níveis mentais podem ser variáveis como o do afeto, o motor e o intelectual ou invariáveis como explicações e interesses. Piaget estruturou estes níveis de desenvolvimento em estágios que dependem de um equilíbrio entre estruturas mentais e estímulos do meio externo. São estes estágios: sensório motor, presente dos 0 aos 2 anos de idade, seguido do pré-operatório, dos 2 aos 8 anos aproximadamente, enquanto o operatório concreto vai dos 8 aos 12 e por fim, o operatório formal dos 12 anos em diante. No primeiro estágio, a criança estrutura as informações recebidas de forma integrativa, formando assim, subestruturas através de associações, isto é, através de estímulos reais apenas. Já na fase pré-operatória, o indivíduo adquire a habilidade simbólica, ou seja, de representação de eventos e objetos, como falar, por exemplo, a partir daí o sujeito passa a ser capaz também de realizar operações, que são ações internalizadas e executadas em pensamento. No estágio das operações concretas, as ações não ocorrem somente em pensamento, há ações correspondentes a estes, além de noção de tempo, causalidade, etc. Já no último estágio, o das operações concretas, quando o indivíduo já se encontra na fase da adolescência, possui pensamento mais lógico, porém não descartando pensamentos abstratos e teóricos, ou seja, o pensamento hipotético-dedutivo.

Freud dedicou-se a estudar e teorizar a sexualidade infantil apesar do grande tabu e rejeição social pelo assunto. Sendo a sexualidade infantil, baseada na busca pelo prazer de forma auto erótica, ou seja, buscando prazer através de si mesmo em

suas organizações pré-genitais e não em objetos terceiros como no caso da sexualidade adulta já desenvolvida. Dividiu-a em cinco fases psicosssexuais evolutivas, iniciando pela fase oral, que ocorre no primeiro ano de vida do bebê, sendo a boca a principal fonte de prazer, através da incorporação de objetos, sorrisos e mordidas na oral canibalística, onde a criança se utiliza das mordidas para expressar raiva, ansiedade, frustração, etc. Nesta fase, é comum observar crianças nesta fase levarem tudo à boca. O primeiro contato é através da sucção do seio materno, este representa satisfação e conforto. O objetivo desta é a identificação do bebê para com o objeto incorporado. Se a fixação aos prazeres orais permanecerem na fase adulta, denota-se falha no desenvolvimento desta fase, o que pode ter ocorrido através de retirada de alimento de suas bocas quando bebês ou adultos que lidam sarcasticamente com esta fase. A segunda fase é a anal, onde crianças de um a três anos de vida descobrem o controle dos esfíncteres, ou seja, o controle de um impulso próprio, no qual obtém prazer através da retenção ou expulsão das fezes e urina. A criança oferece as fezes como presente à mãe e a maneira como os pais lidam com isto interfere diretamente no desenvolvimento da personalidade do filho. Os incentivos e reforços neste período, contribuem para experiências positivas, a fim de que a criança se desenvolva mais confiante. Os pais neutros com relação a isto, podem contribuir para o desenvolvimento de uma personalidade confusa e destrutiva. Agora se os pais forem mais rigorosos podem colaborar para uma personalidade também rigorosa e obsessiva. Já a fase fálica ocorre aproximadamente dos três aos seis anos de idade, fase em que a criança descobre o prazer nos genitais e diferenças destas partes entre os sexos feminino e masculino. Neste período ocorre também o complexo de Édipo, quando a criança possui desejos incestuosos para com a mãe ou pai, sujeito cujo sexo é oposto ao seu. O fim desta fase se dá pela identificação do menino com seu pai e da menina com a sua mãe, não mais os vendo como inimigos. A fase de latência ocorre entre os seis e onze anos de idade, início da puberdade. Nesta, o indivíduo passa a reprimir seus desejos sexuais, substituindo-os por atividades socialmente aceitas, como a vida escolar por exemplo, isso porque seu superego está melhor desenvolvido e seu ego fortalecido, assim é capaz também de se identificar com outras pessoas e grupos além de seus pais dando início ao desenvolvimento pessoal e sexual. Por fim, a fase genital que se dá dos onze anos em diante, nesta, o jovem direciona a pulsão sexual a terceiros e não mais para si mesmo ou seus pais, além da

forte busca por papéis sociais e identidade, abandonando a identidade infantil (FREUD, 1996).

Klein (1981) propôs-se a maior aprofundamento nos estudos sobre o desenvolvimento infantil focando-se nos primeiros meses de vida, quando duas principais fases são vivenciadas pelo bebê, até por volta dos oito meses. A autora utiliza o termo “posição”, sendo a primeira, a posição esquizo-paranóide e, a seguir, a posição depressiva. A esquizo-paranóide ou somente paranoide, ocorre do nascimento até aproximadamente cinco meses de vida, onde o bebê possui impulsos sádicos e angústias persecutórias e destrutivas para com o seio mau da mãe, como citado anteriormente. Já a depressiva, ocorre em média, dos cinco aos oito meses. Neste período, a criança não mais possui sentimentos destrutivos, pois desenvolve as relações objetais, onde compreende a mãe como um ser total e não somente como o seio bom e o seio mau. Passa então, a sentir culpa pela agressividade anteriormente dirigida à mãe, por isto o termo depressivo. Este período é marcado pelo desenvolvimento do ego, porém ambas as posições podem oscilar ainda, durante a vida adulta.

4.3. O afeto, a negligência e o abandono

Como já retratado, a relação mãe-bebê é afetada pela relação maternal vivenciada originalmente pela mãe, podendo esta ter sido positiva ou negativa. Quando ocorre identificação entre a mãe e o bebê, com os cuidados e atenção às necessidades deste último é então desenvolvido um vínculo saudável, ou seja, se quando criança, a mãe foi amada e bem cuidada por sua mãe, é bastante provável que ela reproduza este comportamento para com seu bebê baseando-se inconscientemente na experiência vivida. Diferindo da mãe carente de afeto materno, que precisa ser cuidada para suprir esta falta, sendo assim, precisa geralmente de maior apoio para lidar com o filho. A mãe desinteressada em seu bebê, pode causar doenças emocionais, impacto no desenvolvimento, baixa imunidade causando assim doenças fisiológicas, dentre outras consequências negativas. O desinteresse pode ser causado pela negligência que a mãe sofreu quando criança, ou ainda questões psicológicas como depressão pós-parto por exemplo, caracterizando assim uma

relação patológica, onde o bebê não se sente reconhecido e conseqüentemente, não é integrado ao meio. A ausência ou negligência da mãe ou pessoa substituta, ou seja, aquela capaz de compreender os sinais da criança e atender suas necessidades para além do físico exercendo a maternagem, pode afetar a personalidade do bebê, assim como o apoio inadequado ou até mesmo patológico que pode levar o indivíduo a comportamentos de estranhamento, inquietude, inibição, apatia, etc (WINNICOTT, 1999).

Bowlby (1989) desenvolveu a teoria do apego, na qual explica que no sistema nervoso central de todo indivíduo existe uma organização psicológica responsável pela formação e manutenção das relações de afeto, sendo esta desenvolvida ainda em recém-nascidos nas relações com as mães, contribuindo assim, para a proximidade dos dois. A forma como o indivíduo se relaciona nas demais interações é baseada nesta primeira relação que a mãe ou objeto substituto proporcionou a ele. De acordo com Freud (1996) a primeira infância se dá dos 0 aos 6 anos de idade, início do desenvolvimento psicosssexual acompanhado do desenvolvimento emocional do indivíduo, sendo assim, estes primeiros anos de vida são determinantes para um crescimento saudável. Esta primeira relação afeta as demais, complementando assim a primeira. Ainda para Bowlby (1989) as relações primárias podem ser íntimas, próximas e repletas de afeto, propiciando um vínculo enriquecedor e contribuindo para sentimento de segurança e saúde mental da criança, mas, sendo o bebê privado ou negligenciado pode sofrer as conseqüências da privação que varia em graus afetando aspectos afetivos e também cognitivos. O grau parcial, através de negligência ou ausência parcial da figura que representa a mãe, pode causar angústia e carência emocional, pois há a tentativa de compensar esta falta e conseqüentemente culpa e sentimento depressivo, além de distúrbios e personalidade instável devido à instabilidade do afeto que lhe foi ofertado. Já a privação total ou quase total, afetará diretamente na construção e abertura para futuros relacionamentos, dificultando ou ainda inviabilizando os vínculos, uma vez que a organização psicológica responsável pela formação e manutenção do afeto não foi desenvolvida quando criança, devido à ausência da figura responsável por isto ou ainda seu substituto. É bastante comum que isto ocorra com crianças órfãs, hospitalizadas por muito tempo, filhos de mães que sofrem de depressão pós-parto ou até mesmo com aqueles que passam longos

períodos em creches. Bowlby (1988), explica que ao sentir o abandono, a criança manifesta três tipos de reações diferentes e seguidas. No primeiro momento lida com a ansiedade de separação, onde protestam, choram, resistem e buscam a mãe ou cuidador substituto, caso este não retorne, a criança passa então para a segunda fase que é a fase de desespero, causando grande angústia e raiva ao bebê abandonado e por último, o desligamento, fase do desapego, onde a criança afasta-se emocionalmente. Caso o cuidador retorne após o período em que o bebê passou por todas estas fases, será rejeitado, pois não é mais considerado por ele. Logo, caso “desapareça” novamente não será sentido pelo bebê. Futuramente por medo inconsciente causado por este trauma, o indivíduo não será caloroso ou muito receptivo em suas relações, evitando assim, ser abandonado novamente, pois a confiança e segurança baseia-se na que lhe foi disponibilizada pelo cuidador e internalizada como modelo mental que afeta as relações subsequentes.

Boing e Crepaldi (2004) falam sobre sua pesquisa de campo com bebês encaminhados para adoção logo após o nascimento e de um caso específico, onde a criança chorava desesperadamente, mesmo após amamentação e exames clínicos que nada constaram, a criança somente se acalmou após ser pega no colo por uma das psicólogas, colocada em posição canguru, com a cabeça firme e a profissional conversando com o bebê, como forma de apoio e acalanto, finalizando com uma música para ninar, quando a criança adormece tranquila. Desta forma, a pesquisadora constata através da prática, a importância do contato afetivo. O intuito do trabalho das pesquisadoras era através da maternagem, o suporte afetivo na falta da mãe ou figura substituta, um fator de proteção ao desenvolvimento geral da criança, evitando danos na ausência daquela figura. No caso descrito, o bebê foi adotado e se adaptou bem, uma vez que sua mãe adotiva atendia suas necessidades físicas e emocionais e foi bem amparado durante a espera da família.

4.4. As mães prejudiciais

As mães podem ainda variar entre perfis extremos: narcísicos e superprotetores, ambos prejudiciais à saúde mental de seus filhos, que necessitam de um meio termo para o desenvolvimento emocional saudável.

As mães narcisistas são capazes de causar sofrimento psicológico a seus filhos, conseqüentemente afetando sua saúde mental. Engelke (2019), explica que mães narcísicas veem os filhos como uma extensão delas mesmas, através de projeções de expectativas e frustrações, uma vez que dependem do olhar do outro e possuem baixa autoestima. Preferem se ver através da filha ou filho, sendo mais comum com mulheres alimentando a feminilidade tóxica. A mãe inveja seu filho, colocando neste, a responsabilidade em atender suas necessidades, sendo capaz de chantageá-lo emocionalmente, a fim de alcançar o que deseja e principalmente, depreciando a criança em prol de sua vanglória. A criança por sua vez, dependente do amor e respeito da mãe, acata-a, não tendo voz. As mães narcisistas nunca admitem o próprio erro tampouco se desculpam, exigem demais emocionalmente e pouco se doam, são instáveis, passivas agressivas, causam a inversão dos papéis mãe e filho, eximindo-se de suas responsabilidades e as atribuindo aos filhos, são exigentes a nível de perfeccionismo e extremamente rancorosas, usando disso para manipulação, sendo incapazes de ter empatia nem mesmo, com o filho. Tratam-se de relações abusivas sendo importante destacar que geralmente, elas sofrem de auto estima bastante fragilizada e depressão. O quadro de transtorno de personalidade narcisista é de difícil diagnóstico e reconhecimento o que dificulta a busca por ajuda psicológica, de extrema importância não somente para as pessoas ao redor, que sofrem com os abusos deste tipo de personalidade, mas também à própria pessoa que carrega sofrimento desde os primeiros anos de vida (ZIMERMAN, 2004).

Filhos de mães narcisistas passam por infância e adolescência sofridas, mais ainda se os demais cuidadores ou integrantes próximos da família forem coniventes ou omissos aos abusos. Os abusos e negligências causados ao indivíduo afetam diretamente o alcance da autonomia, baixa autoestima, forte autocrítica, ansiedade, depressão, além de dificuldade em formar e manter relações intensas e íntimas (ENGELKE, 2019).

A superproteção por parte dos pais ou responsáveis pode surgir em forma de controle comportamental e psicológico e inclui restrições, privações, manipulações emocionais, reprimindo ou invalidando emoções da pessoa, além de humilhação, desaprovação, negligência emocional como forma de punição com o intuito de causar culpa e coerção emocional na criança (SOUSA, *et al.*, 2019). Mães superprotetoras

muito comumente têm seus bebês de forma prematura, quando a criança nasce antes da hora prevista, causando complicações no parto e primeiros momentos de vida. A partir disso desenvolvem personalidade superprotetora, buscando incansavelmente proteger seu bebê frágil e indefeso e não percebendo e validando seu desenvolvimento, logo, não respeitando e contribuindo para as fases evolutivas.

Klumpp, Barone e Andrade (2017), explicam que no início da vida, o indivíduo, encontra-se numa relação simbiótica com sua mãe, pois depende absolutamente desta para sua sobrevivência e desenvolvimento. Winnicott (1999) afirma que no início da vida, depende-se totalmente da mãe ou figura que a represente, porém se faz necessário que estes cuidados vão diminuindo gradativamente para que ele possa assim desenvolver sua autonomia e identidade para além desta relação com a mãe. Como tratado anteriormente, no início da vida, o bebê passa da dependência absoluta para a relativa e posteriormente segue rumo à independência, desta forma faz-se necessária a devoção inicial da mãe, mas também o reconhecimento e validação das evoluções individuais do bebê para que este possa desenvolver plena e saudavelmente sua identidade e autonomia como ser humano e a mãe, retomar as demais áreas de sua vida além da maternidade (NASIO, 1995).

O papel da mãe é de extrema importância para o desenvolvimento do filho, mas não cabe aqui julgá-la, visto que é cobrada socialmente a ser a mãe perfeita o que pode ser uma projeção religiosa, baseada na virgem Maria até os dias de hoje (VÁSQUEZ, 2014).

Gutierrez, Castro e Pontes (2011), explicam que para muitas mulheres, a maternidade é vista como grande possibilidade de se completar como pessoa, observando-se deste modo a projeção da mãe para o filho. Por outro lado, algumas mulheres vêm ganhando cada vez mais espaço no mercado de trabalho desde a segunda onda feminista, não mais disponibilizando seu tempo apenas à casa e família, mas a uma vida profissional. Desta forma, veem-se mães divididas entre a vida profissional e a maternidade, muitas vezes adiando ou até mesmo cancelando esta última (WOLF, 2020).

A maternidade varia de mulher para mulher devido a algumas influências como o desejo de vivê-la, o parceiro ou falta dele, a rede de apoio, contextos em que está

inserida, a mãe e/ou maternagem que recebeu, fatores culturais, profissionais, socioeconômicos e emocionais (CORREIA, 1998).

4.5. Experimentos

4.5.1. Os órfãos da Romênia

No início do século XXI crianças órfãs romenas foram divididas em duas instituições, sendo a primeira um orfanato lotado e precário, onde os funcionários eram proibidos de fornecer carinho ou atenção a elas e a segunda uma instituição de acolhimento de alta performance em prol da amenização dos danos, além de observação de crianças que possuíam acolhimento familiar. O intuito da pesquisa realizada pela Universidade de Boston até os dias de hoje com os já adolescentes é a comprovação dos danos no desenvolvimento neurológico causados pelo abandono precoce. A pesquisa aponta que o abandono resulta em dificuldades em estabelecer novos vínculos afetivos, ou seja, o desenvolvimento sócio emocional. O experimento comprovou que apenas 18% das crianças do abrigo conseguiram estabelecer vínculos afetivos seguros, já das crianças que estavam em acolhimento familiar, 68% tiveram sucesso em seus vínculos. O sentimento de abandono afeta diretamente o desenvolvimento cognitivo, resultando em QI mais baixo, afetando também o desenvolvimento fisiológico do cérebro que era menor em crianças abandonadas, assim como o desenvolvimento da linguagem, além de contribuir para diagnósticos de transtornos psicológicos como ansiedade e depressão que se mostraram presentes duas vezes mais em crianças da instituição precária. Os estímulos e afeto dos pais ou responsáveis são essenciais para o pleno desenvolvimento cerebral e emocional da criança e sua noção de mundo, padrões de lógica, pensamento e comunicação, sendo os primeiros anos de vida, cruciais e de dependência do vínculo afetivo para isso, quanto mais tempo distanciado do vínculo, maiores os danos (IGA, 2019, COSTA, J. 2018).

4.5.2. A privação de contato de recém-nascidos

Em 1944 nos Estados Unidos, recém-nascidos órfãos foram divididos em dois grupos em alojamentos diferentes para um trágico experimento visando a

comprovação da importância do contato afetivo. O primeiro grupo recebia dos cuidadores tudo para atendê-los fisiologicamente, higiene, alimentação, etc, mas em hipótese alguma os funcionários poderiam pegá-los no colo, acariciar, acalantar, ou seja, nenhum tipo de contato além do necessário para atender as necessidades físicas da criança. Já o segundo grupo, além de ter as necessidades fisiológicas atendidas, recebia também contato afetuoso dos cuidadores. Após quatro meses de pesquisa, ao menos metade do primeiro grupo havia morrido sem nenhuma causa fisiológica e assim o experimento foi interrompido. Antes de morrerem, os bebês paravam de chorar, desistindo da comunicação. Quanto ao segundo grupo, nenhum dos bebês faleceu. Desta forma, a conclusão da pesquisa é que através do contato físico, o bebê se conecta com o mundo externo e se sente seguro, assim, associado ao afeto, há o desenvolvimento físico, sensorial e emocional, sendo este vínculo crucial e em alguns casos como estes comprovados, até mesmo à sobrevivência do indivíduo (PSICONLINEWS, 2016).

4.5.3. Harlow com os macacos Rhesus

Harlow realizou este experimento a fim de comprovar a teoria do apego de Bowlby, a qual afirma que as relações que os indivíduos estabelecem ao longo da vida são baseadas nas relações que tiveram com suas mães quando bebês. Os macacos Rhesus se assemelham aos humanos tratando-se de estruturas cerebrais e comportamento, por este motivo foram os escolhidos. O pesquisador inicia tirando os filhotes de sua mãe e os introduzindo em uma gaiola com dois objetos, o primeiro um objeto de arame com uma mamadeira fornecendo alimento e o outro de pelúcia, sem nenhum tipo de alimento a oferecer. Os animais optaram pela pelúcia por assemelhar-se com uma macaca e remeter ao colo materno abraçando em momentos de medo, comprovando assim a necessidade do afeto. Num segundo momento, Harlow foi além e isolou macacos em gaiolas menores, privando-os de estímulos e contato com outros seres. Após alguns meses quando retornavam para o convívio com outros macacos, eram indiferentes às relações e qualquer tipo de contato, não buscavam procriar e no caso de fêmeas que passavam por procriação forçada, estas rejeitavam seus filhotes. Desta forma trágica, o pesquisador comprova a importância do contato afetivo, não

somente ao atendimento das necessidades fisiológicas para um desenvolvimento saudável (ARLING, JL e HARLOW, 1967).

5. ANÁLISE DOS DADOS

Winnicott (1999) e Klein (1982) corroboram com a ideia de que os bebês precisam se identificar com suas mães para se desenvolver psiquicamente, necessidade esta que advém do fato de que as mães representam todo o mundo externo do filho neste período inicial. Sendo assim fica delegado a elas o papel de facilitadora, atendendo as necessidades deles que neste primeiro momento dependem totalmente da mãe, necessidade aqui, representada não somente pela fisiológica, mas também pela emocional que fortalece o ego para que ele desenvolva os processos de maturação, a mãe suficientemente boa (Winnicott, 1958). Os mesmos autores concordam ainda que através do toque, desenvolve-se o vínculo afetivo do par mãe-bebê. Winnicott utiliza o termo *handling* para explicar o contato pele a pele da mãe com seu bebê, a fim de que se sentindo pertencente a um corpo para além de sua mãe e meio, a criança desenvolva a personalização. Klein afirma que para o bebê a amamentação vai além da saciação da fome, representando principalmente o afeto, por isso a energia libidinal dedicada ao bebê neste momento é de extrema importância, uma vez que o seio bom não somente alimenta mas fortalece o vínculo emocional entre eles. Um método que contribui para isto é o método canguru, o qual consiste no contato pele a pele, logo após o nascimento da criança, quando a mãe dedica-se inteiramente ao estabelecimento do vínculo com seu filho, acalmando-o após a chegada à vida extra uterina e contribuindo para os benefícios fisiológicos do bebê (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

No contexto hospitalar, duas pesquisadoras fizeram a maternagem de um bebê deixado para adoção. A criança chorava desesperadamente, mesmo sem algum tipo de incômodo, fome, dor ou algo parecido, parou somente após uma delas o pegar no colo e conversar com ele, o acalentando, assim, ele dormiu tranquilo. Comprovaram na prática a necessidade da criança de afeto (BOING E CREPALDI, 2004).

O experimento que privou recém nascidos de qualquer tipo de contato físico ilustra bem a importância do afeto para o desenvolvimento do bebê, sendo que todas as necessidades fisiológicas destes eram atendidas, de modo diferente das emocionais que não foram suficientes para seu desenvolvimento, pois a falta de identificação com a mãe ou objeto substituto e conseqüentemente a falta da

construção do vínculo afetivo, não permitiu que os bebês se sentissem pertencentes e se reconhecessem, logo, não desenvolvendo as respectivas personalizações e conseqüentemente não se integrando ao meio. Rappaport et al (1986) afirmam ainda que crianças crescidas em orfanatos possuem esquema corporal prejudicado, apesar dos cuidados e questões fisiológicas atendidas, andam e falam tardiamente, pois a falta de contato físico, carícias e sustentação da figura materna faz com que estes processos sejam regredidos, uma vez que dificultam a obtenção de prazer a partir de terceiros para se conectarem com o mundo externo (PSICONLINEWS, 2016; WINNICOTT, 1999; RAPPAPORT et al, 1986).

No trabalho "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", Freud (1996), explica que o desenvolvimento emocional da pessoa ocorre juntamente com o desenvolvimento da sexualidade, sendo que esta última ocorre nas fases psicosssexuais e, a maneira como os pais lidam com elas é de extrema importância para o desenvolvimento da personalidade da pessoa. A fase oral, por exemplo, é representada pela introjeção oral de objetos, tendo como primeira fonte de prazer o seio que fornece a amamentação, seguida das mãos e pés da própria criança, ou seja, se satisfaz com o auto prazer. O contato durante a amamentação para além da saciação da fome através de carícias evita retardo no desenvolvimento emocional da criança, pois se percebendo como um corpo individual integra-se ao mundo externo. Do terceiro ao quarto mês, já podem ser introduzidos outros alimentos como papinhas e no sexto o desmame se inicia, sendo que neste período o bebê já reconhece objetos externos, como o pai e brinquedos, podendo obter prazer a partir deles também, ou seja, é feita uma troca de objetos de prazer, antes voltado apenas para o seio materno e para si mesmo, sem esta troca, o bebê sofrerá intensa frustração, pois não mais obterá prazer. Logo, a forma como se dá a interrupção da amamentação afeta o desenvolvimento da personalidade do indivíduo. Na interrupção precoce da amamentação, a compensação dos objetos não ocorre e o perfil oral captador predomina, sendo este, aquele que se amamenta de todas as relações, ou seja, por interesse, por seus prazeres apenas. Já a interrupção devido ao nascimento dos dentes, para que se evite a agressão, faz com que o indivíduo acredite que destruiu o seio, contribuindo para um perfil que somente desvaloriza as conquistas, pois acredita que as destruiu também, se tornando solitário. Por outro lado, a falta da interrupção

ocorre devido à falta de agressividade contra o seio, reforçando a continuidade da amamentação, que contribui para uma personalidade muitas vezes competente, porém sem agressividade e competitividade necessária e esperada, isto se dá pelo medo de se perder o que já se tem. Já na fase anal, o modo como os pais lidam com a primeira produção da criança, as fezes, pode contribuir para uma personalidade confiante caso a reforcem, confusa se forem indiferentes ou obsessiva se forem rigorosos. Durante a fase fálica, quando a criança descobre os genitais, a repressão pode reprimi-la sexualmente futuramente. No período de latência é importante que a respeitem na busca por outros interesses e identificações para além do contexto familiar. E por fim, a fase genital, é quando o indivíduo direciona a energia libidinal a terceiros, não mais se limitando à auto erotização. (FREUD, 1996; RAPPAPORT et al., 1986).

Freud (1976) foi precursor do trabalho de Klein, sendo que ela se aprofundou na psicanálise infantil. O pai da psicanálise já afirmava em seus trabalhos que a fase de dependência e devoção comum, como afirmava Winnicott, afeta diretamente a personalidade do indivíduo que depende da identificação com sua genitora. Klein (1982) concorda com isso em sua teoria das relações de objeto, sendo que estas se iniciam na relação do indivíduo com sua mãe assim que nasce (ABRAM, 2000). Já Bowlby dedicou-se à teoria do apego para explicar sobre a importância da maternagem no desenvolvimento da organização mental, responsável pelo estabelecimento e manutenção de relações posteriores, sendo que esta primeira afetará as demais (BOWLBY, 1989).

O experimento de Harlow com os macacos Rhesus corroboram com as teorias citadas, sendo que nele, o pesquisador tinha como foco comprovar a teoria do apego de Bowlby. Isolando macacos Rhesus em gaiolas individuais e higienizadas, apresenta dois objetos, um de arame que dispunha de alimento e um de pelúcia que se assemelhava a uma macaca, sem nenhum tipo de alimento. Os macaquinhos sempre optavam pela pelúcia que remetia à mãe e ao acolhimento, sentindo-se então mais seguros e pertencentes. O pesquisador comprova, então, que não somente a saciação da fome e higiene básica garantem o pleno desenvolvimento, mas o afeto e acolhimento se fazem essenciais (ARLING, JL e HARLOW, 1967).

É possível fazer um paralelo entre as teorias, Freudiana, Kleiniana e Winnicottiana, tratadas na presente pesquisa. Para Winnicott a mãe suficientemente boa representada pelo objeto que supre as necessidades do bebê, ou seja, fisiológicas e emocionais, pode ser aqui comparada com a representação do que Klein denominou como seio bom, aquele que sacia não somente a fome, mas também a necessidade de afeto. Já a mãe insuficientemente boa não é capaz de reconhecer e atender as necessidades de seu filho, podendo ser instável com relação a isso, representada pelo seio mau, que não alimenta, não atende e causa frustração. No momento de fome, a criança fantasia o seio que o amamenta e, na falta da materialização deste, o inveja e projeta sentimentos destrutivos e angustiantes para o seio. Quando este é enfim disponibilizado, a criança o trata com agressividade, coincidindo com a fase oral canibalística, a primeira das fases psicosexuais de Freud, onde o bebê morde e ataca o seio da mãe descontando sua frustração, compatível também com a posição esquizo-paranóide da teoria Kleiniana, onde o bebê tem sentimentos persecutórios e ansiedade para com o seio mau. O desejo e a expectativa de realização imediata é comparável com o que Freud denomina princípio do prazer, período em que o ID domina, onde somente prevalece o desejo pela realização dos prazeres geralmente fantasiosos. Em seguida, o indivíduo, já na fase do princípio da realidade, agora guiado pelo ego, sai do campo fantasioso e busca a satisfação dos prazeres de forma socialmente aceita, ou seja, compatível com a realidade. O desenvolvimento do princípio da realidade de Freud, está para a posição depressiva de Klein, apesar dos períodos diferentes, quando o bebê percebe a mãe como um ser para além do seio que ele tentou destruir, o termo depressivo se dá pela culpa que a criança sente por atacar a mãe (KLEIN, 1975; KLEIN, 1981; FREUD, 1969; FREUD, 1996; NASIO, 1995).

A partir da teoria do apego, Bowlby (1989) explica sobre a necessidade de uma figura que represente a mãe para exercer a maternagem com o bebê recém-nascido, isso porque este depende deste vínculo para desenvolver a organização psíquica, responsável pelo estabelecimento e manutenção das relações durante a vida, ou seja, o primeiro vínculo moldará os demais. Eis o motivo pelo qual a relação mãe-bebê ganha destaque nas teorias psicanalíticas, sendo esta uma relação de apego, onde as respostas às expectativas afetuosas da criança e um ambiente facilitador e

estimulante propicia o desenvolvimento da organização psíquica com sucesso, logo, os vínculos posteriores poderão se desenvolver saudavelmente se depender deste indivíduo. Agora, se o bebê for negligenciado emocionalmente, poderá se tornar alguém instável, chegando até mesmo a desenvolver transtornos de instabilidade, além de apresentar personalidade carente a fim de suprir a falta da infância. Em casos de abandono na primeira infância, as consequências são dificuldades em estabelecer vínculos intensos e duradouros, uma vez que não houve o desenvolvimento da organização psíquica impedindo o estabelecimento das demais relações no decorrer da vida. Em ambos os casos, é notado maior índice de transtornos cognitivos quando se compara as crianças que não são negligenciadas ou abandonadas, devido a falta de estímulos muitas vezes associados às relações afetuosas. Além de Bowlby, Papalia e Feldman (2013) e também Jung (1971) compactuam com a ideia de que o desenvolvimento cognitivo depende de estímulos do meio externo para que ocorra saudavelmente.

O experimento com os órfãos da Romênia comprova essa teoria uma vez que divide crianças abandonadas em grupos que são carentes de atenção, estímulos e afeto e grupos que dispõem destes. A pesquisa apresenta números a partir deste experimento; das crianças que foram realmente abandonadas, apenas 18% foram capazes de estabelecer vínculos, enquanto que com as crianças que tinham abrigo familiar, 68% conseguiram estabelecer relações. A pesquisa aponta também maior índice de transtornos como ansiedade, depressão e transtornos de linguagem em crianças abandonadas. Sendo assim, a pesquisa comprova o que Bowlby teorizou. A pesquisa de Harlow mostrou também que quando os macacos eram isolados por muito tempo, não eram capazes de serem calorosos ou próximos nos contatos, quando libertos (ARLING, JL e HARLOW, 1967; COSTA, J. 2018; IGA, 2019).

Devido a intensidade desta primeira relação, o indivíduo sempre será afetado por ela, mais do que nas demais, no decorrer de sua vida, as consequências podem ser positivas ou negativas como já visto anteriormente. Na presente pesquisa, mães que podem vir a ser prejudiciais para o desenvolvimento do indivíduo variam de superprotetoras a narcisistas. Os perfis extremos, mas manipuladores dificultam o desenvolvimento da autonomia e auto estima devido a desvalidação do filho e como

já esperado, afetará as suas futuras relações, uma vez que esta primeira o moldou (ENGELKE, 2019; SOUSA, *et al.*, 2019).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como principal objetivo demonstrar a relevância da primeira relação do indivíduo, ou seja, a materna ou substituta dela, como o desenvolvimento e personalidade são afetados e ainda, como ela interfere nas demais relações no decorrer da vida. Através da revisão bibliográfica em livros e sites acadêmicos, o tema foi debatido através da perspectiva psicanalítica atendendo aos objetivos propostos inicialmente, uma vez que discorreu sobre como se dá a primeira relação do bebê e como é esperado que o vínculo com a mãe se estabeleça logo após o nascimento. A maternagem aqui tem um papel fundamental para o estabelecimento deste primeiro vínculo afetivo que afetará todos os demais no decorrer da vida do indivíduo. Através da dedicação da mãe, para a relação com seu bebê logo após sua chegada a vida extrauterina, no contato pele a pele, no sustento do corpo do bebê, na conversação, na amamentação que representará o afeto pois sacia a fome da criança, também nos estímulos para o desenvolvimento, na sintonia e identificação do dois, para que as necessidades deste primeiro sejam atendidas. Após diversas repetições de contato físico e apresentações de objetos externos, o bebê se sente pertencente a um corpo para além de sua mãe, ou seja, desenvolve sua personalização e se integra ao meio externo.

Em suma, nota-se a necessidade da devoção da mãe nas fases de dependência do filho, dispondo de energia libidinal para que a criança não se sinta negligenciada física e emocionalmente e desenvolva plenamente a organização psíquica que lhe proporcionará capacidade para estabelecer e manter relações posteriores. Logo o papel da mãe ou figura que a represente é de extrema importância para o desenvolvimento, assim como é necessário que as fases evolutivas sejam respeitadas e estimuladas para que não prejudiquem as interações sociais seja com outras pessoas ou também interesses para além do contexto familiar, pois fazem parte das identificações para a construção da personalidade. Os estímulos se fazem necessários durante todo o desenvolvimento da primeira infância, tanto no aspecto físico quanto no cognitivo, sensorial, motor e emocional.

A negligência do objeto materno ou ainda falta deste, impacta diretamente no desenvolvimento e personalidade deste indivíduo, isto porque afeta a organização

psíquica responsável pelo estabelecimento das demais relações. No caso de negligência afetiva, possivelmente a pessoa desenvolve uma personalidade carente para tentar suprir a falta afetiva inicial. Em casos de abandono é comum que os indivíduos encontrem dificuldades em se abrir para relações duradouras, já que não tiveram o modelo das relações primitivas. No caso de mães presentes, porém prejudiciais, as consequências negativas também são presentes, como dificuldade em desenvolver autonomia, auto estima, autoconfiança, além de contribuir para o desenvolvimento de transtornos mentais.

Conclui-se então que de qualquer modo, a relação com a genitora afeta a vida do indivíduo, tratando-se de desenvolvimento geral, construção de personalidade, demais relações e até mesmo saúde mental, podendo este sofrer consequências positivas ou negativas, dependendo do afeto, devoção e estímulos que a figura materna proporciona ou não.

REFERÊNCIAS

ABRAM, Jan. **A Linguagem de Winnicott**: Dicionário das palavras e expressões utilizadas por Donald W. Winnicott. 1.ed. São Paulo: Thieme Revinter, 2000.

ARLING, GL e HARLOW, HF. **Efeitos da privação social no comportamento materno de macacos rhesus**. Journal of Comparative and Physiological Psychology, 64 (3). 1967

BOING, Elisângela; CREPALDI, Maria Aparecida. Os efeitos do abandono para o desenvolvimento psicológico de bebês e a maternagem como fator de proteção. **Estudos de Psicologia (Campinas)**. Campinas. v.21, n.3, set/dez. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2004000300006 Acesso em: 22 out. 2020

BOWLBY, John. **Cuidados maternos e saúde mental**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988

BOWLBY, John. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

CORREIA, Maria de Jesus. Sobre a maternidade. **Análise Psicológica**. Lisboa. 3 (XVI): 365-371, 1998. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=sobre+a+maternidade+&btnG=#d=gs_qabs&u=%23p%3DiDqVBv0Qb00J Acesso em 09 nov. 2020

COSTA, J. **Neurodesenvolvimento e os primeiros anos de vida: genética vs. ambiente**. Neurociências e educação infantil, Monográfico. Vol. 7 Nº 1. 2018. Disponível em: <https://revistas.usc.gal/index.php/reladei/article/view/5259> Acesso em: 23 jan.21

ENGELKE, Michele **Filhas de Mães Narcisistas**. 1ed. Bibliothèque nationale de Luxembourg, 2019

FERRACIOLI, Laércio. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v.80, n.194, 1999. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1252> Acesso em: 28 set. 2020

FREUD, Sigmund. **Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental**. Rio de Janeiro, Ed. Standard Brasileira das Obras psicológicas de Sigmund Freud. Imago, v.XII, 1969

FREUD, Sigmund. **Inibições, sintomas e ansiedade**. Rio de Janeiro: Imago, Obras completas, v. 20, 1976

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas. v. V, 1996.

GUTIERREZ, Denise; CASTRO, Ewerton; PONTES, Karina. VÍNCULO MÃE-FILHO: REFLEXÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS À LUZ DA PSICANÁLISE E DA TRANSMISSÃO PSÍQUICA ENTRE GERAÇÕES. **Revista NUFEN**. São Paulo, v.3, n.2, dez/2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002 Acesso em: 16 ago. 2020

INSTITUTO GERAÇÃO AMANHÃ (IGA). **O CASO DOS ÓRFÃOS DA ROMÊNIA**. 27 mar. 2019. Site: Instituto do amanhã. Disponível em: <https://geracaoamanha.org.br/orfaos-da-romenia/> Acesso em 08 de fev 2021

JUNG, Carl. **Obras completas de C. G. Jung: O eu e o inconsciente**. 21.ed. São Paulo: Editora Vozes, 1971

KLEIN, Melanie. **Psicanálise da criança**. 3.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão**. v.III Rio de Janeiro: Imago, 1975

KLEIN, Melanie. *et al.* **Os progressos da psicanálise**. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

KLUMPP, Carolina; BARONE, Leda; ANDRADE, Márcia. Relação simbiótica patológica entre mãe-filho e o processo de aprendizagem. **Ciências & Cognição**. Rio de Janeiro: v.22 (1): 93-101, jun. 2017 Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1021056> Acesso em: 30 out. 2020

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Atenção humanizada ao recém-nascido: Método Canguru**. Brasília, 2017. Método Canguru Manual técnico: 3.ed. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/atencao_humanizada_metodo_canguru_manual_3ed.pdf&ved=2ahUKEwj6srXdyvTvAhW7lLkGHV1ICl8QFjAAegQIBBAC&usg=AOvVaw3ynEi7rDT_1av-gXPtejj Acesso em: 22 set. 2020

NASIO, Juan. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano**. 12.ed. Porto Alegre: Artmed. 2013

POZAS, Denise. **Criança que brinca mais aprende mais: A importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil**. 1.ed. Rio de Janeiro: Senac, 2012.

PSICONLINEWS. **A terrível experiência que comprovou a importância do toque para o bebê**. Santa Catarina: 17 set. 2016. Psicologia infantil. Disponível em:

<https://psiconline.com/2016/09/a-terrivel-experiencia-que-comprovou-a-importancia-do-toque-para-o-bebe.html>
Acesso em 09 de fev.2021

RAPPAPORT, Clara; FIORI, Wagner; HERZBERG, Eliana. **A Infância Inicial: O bebê e sua mãe.** 10.ed. São Paulo: E.P.U. 1986

RYGAARD, Niels. **A criança abandonada.** 1.ed. Climepsi, 2006.

SOIFER, Raquel. **Psiquiatria infantil operativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SOUSA, Ana Paula; *et al* CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE SOBRE AS MÃES SUPERPROTECTORAS E O DESENVOLVIMENTO DE SEUS FILHOS. *in* XI EPCC ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA CIENTÍFICA 2019, Maringá. **Anais.** Repositório Digital Unicesumar. 2019

VÁSQUEZ, Georgiane. Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural. **Revista Trilhas da História.** Três Lagoas, v.3, n.6, 167-181, jan/jun. 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472#:~:text=Resumo,variaadas%20vertentes%2C%20tratou%20a%20maternidade.&text=Palavras-chave%3Amaternidade%2C%20feminismo%2C%20gênero%2C%20discursos.>
Acesso em: 21 dez. 2020

WINNICOTT, Donald. **Os bebês e suas mães.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

WINNICOTT, Donald. **O ambiente e os processos de maturação.** Porto Alegre: Artmed, 1983

WINNICOTT, Donald. **A família e o desenvolvimento individual.** 1.ed. Medical Press, 1958.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza.** 12.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

ZIMERMAN, David. E. **Fundamentos psicanalíticos. Teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática.** 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.